



GESTÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL

experiências e desafios

CATARINA ALMEIDA MARADO
TERESA VALENTE
JOÃO PEDRO BERNARDES
(editores)



UALg

UNIVERSIDADE DO ALGARVE



Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património

GESTÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL

experiências e desafios

CATARINA ALMEIDA MARADO
TERESA VALENTE
JOÃO PEDRO BERNARDES
(editores)

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Gestão do Património Cultural.
Experiências e desafios

EDITORES

Catarina Almeida Marado
Teresa Valente
João Pedro Bernardes

TEXTOS

Ana Pereira Roders
Ana Tarrafa Silva
Blanca del Espino Hidalgo
Catarina Almeida Marado
Catarina Oliveira
Isabel Valverde
João Pedro Bernardes
Miguel Reimão Costa
Patrícia Dores
Susana Araújo
Tânia Rodrigues
Teresa Valente
Tiago Candeias
Vitor Ribeiro

DESIGN GRÁFICO
TVM Designers

IMAGEM DA CAPA
CIIPC/CMVRSa

IMPRESSÃO

Guide – Artes Gráficas, Lda.

ISBN [EDIÇÃO IMPRESSA]

978-989-9023-62-8

DEPÓSITO LEGAL 490388/21

ISBN [EDIÇÃO DIGITAL]

978-989-9023-63-5

DOI 10.34623/vt4s-7r64

<https://doi.org/10.34623/vt4s-7r64>

EDIÇÃO

Universidade do Algarve –
Centro de Estudos em Arqueologia,
Artes e Ciências do Património
© 2021

ÍNDICE

- Introdução: as *Aulas Abertas* de Gestão do Património Cultural como espaço de partilha e discussão
004 CATARINA ALMEIDA MARADO — TERESA VALENTE — JOÃO PEDRO BERNARDES
-
- Taxonomias do significado cultural do património: valores e atributos
010 ANA TARRAFA SILVA — ANA PEREIRA RODERS
-
- Salvaguarda, valorização e reutilização do património: a experiência dos edifícios monástico-conventuais
032 CATARINA ALMEIDA MARADO
-
- A importância do arquivo na fundamentação de propostas de carácter urbanístico: duas experiências em Faro
066 TERESA VALENTE — TÂNIA RODRIGUES
-
- Ciudades medias patrimoniales en el sur de Portugal: equilibrio y sostenibilidad de un patrimonio urbano-territorial
086 BLANCA DEL ESPINO HIDALGO
-
- Património e desenvolvimento local das áreas de baixa densidade: uma leitura a partir dos programas de reabilitação e revitalização em rede de pequenos aglomerados rurais
126 VÍTOR RIBEIRO — MIGUEL REIMÃO COSTA
-
- Novas experiências na investigação, interpretação e usufruto do património em Cacela
158 CATARINA OLIVEIRA — PATRÍCIA DORES — SUSANA ARAÚJO
-
- «Na prática a teoria é outra»: um contributo para a implementação de metodologias adequadas de intervenção no património
190 ISABEL VALVERDE
-
- Conectar os jovens ao património através do Minecraft: uma aproximação a novas abordagens de educação patrimonial
220 TIAGO CANDEIAS
-

NOVAS EXPERIÊNCIAS NA INVESTIGAÇÃO, INTERPRETAÇÃO E USUFRUTO DO PATRIMÓNIO EM CACELA

CATARINA OLIVEIRA

Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela,
Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

PATRÍCIA DORES

Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela,
Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

SUSANA ARAÚJO

Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela,
Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

«Penso neste momento especialmente na terra do Algarve, com suas praias, suas grutas, seus promontórios, seus muros brancos, sua luz claríssima. É preciso não destruir estas coisas. É preciso que aquilo que vai ser construído não destrua aquilo que existe»¹.

1. O CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E INFORMAÇÃO DO PATRIMÓNIO DE CACELA

Corria o ano de 2005 quando, no lugar da antiga escola primária de Santa Rita (freguesia de Vila Nova de Cacela), abriu portas ao público o Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela (CIIPC), um núcleo da Divisão de Cultura e Património Histórico da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António orientado para o estudo do património cultural e paisagístico de Cacela, com vista à sua interpretação, valorização e fruição. Decorreram desde então 16 anos marcados por escavações arqueológicas, exposições, conversas, passeios pedestres, visitas, oficinas, publicações, projetos educativos, programação cultural e projetos comunitários na aldeia de Santa Rita.

O CIIPC tem vindo a desenvolver a sua atividade em torno de 5 eixos fundamentais: identificar e investigar; informar, interpretar e usufruir; educar para o património; definir uma programação cultural de qualidade para Cacela; envolver a comunidade local em projetos comuns. São objetivos da sua intervenção: promover o levantamento e investigação do património natural e humano, material e imaterial; partilhar com a comunidade local a identificação e valorização do seu património; interpretar o território e os valores patrimoniais com vista ao seu usufruto por diferentes públicos (população local, visitantes, investigadores, crianças e jovens).

Ao longo de 15 anos de atividade, o Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela / CMVRSa tem procurado partir das características diferenciadoras do território de Cacela, dos seus usos antigos e dos valores naturais

¹ ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, *Pelo negro da terra e pelo branco do muro*, 1963.

e culturais que o distinguem, para a conceção de atividades consistentes, capazes de desencadear dinâmicas de aprendizagem, fruição e intervenção criativa, sempre em estreita ligação com a comunidade local e visitantes.

2. TERRITÓRIO E VALORES PATRIMONIAIS

O território de Cacela, hoje inserido na freguesia de Vila Nova de Cacela, concelho de Vila Real de Santo António, caracteriza-se pela riqueza e diversidade dos seus valores patrimoniais e unidades de paisagem. No litoral, Cacela Velha (fig. 1), localizada sobre uma arribeira, encontra-se frente a um ecossistema valioso, uma extensa área de ilhas barreira interpostas entre a ria e oceano. A estrutura urbana, os elementos distintivos na arquitetura, os materiais arqueológicos exumados e a localização privilegiada atestam a sua histórica vocação para a atividade marítima e a defesa costeira e forte identificação com o mundo mediterrânico, desde o período romano e islâmico.

Cacela Velha, Qast'alla islâmica, terra natal do poeta berbere Ibn Darraj al-Qastalli (958-1030), foi, entre os séculos X e XIII, um porto costeiro do Garb al-Andalus e um núcleo urbano importante na região, centro de um distrito rural bem povoado. Escavações arqueológicas realizadas no sítio do Poço Antigo, fora de muralhas, puseram a descoberto, sob um cemitério cristão, vestígios de um bairro residencial islâmico do período almóada. No Largo da Fortaleza identificaram-se estruturas da alcáçova. Cacela atingirá o seu apogeu durante o período almóada (séculos XII e XIII), afirmando-se como importante entreposto militar e um próspero núcleo urbano beneficiando da exploração dos recursos naturais na sua envolvente.

Conquistada aos mouros em 1240, por D. Paio Peres Correia, a então vila de Cacela seria nesse mesmo ano doada por D. Sancho II à Ordem de Santiago. Em 1283 tem foral concedido por D. Dinis aos povoadores de Cacela. Foi sede de concelho até 1775, data em que o Marquês de Pombal ordena a sua extinção e a integração do seu termo no novo concelho de Vila Real de Santo António. A decadência demográfica, que remonta século XIV, com os seus habitantes disseminados pelo território circundante, acentuou-se ao longo dos séculos XVIII e XIX. Manteve-se sempre, porém, como centro religioso, com vocação de defesa e



FIGURA 1 Cacela Velha (CIIPC/CMVRSa).

controlo costeiro, funções que se mantêm até à atualidade. Preserva hoje um conjunto urbano ímpar e uma riqueza patrimonial e arqueológica que importa conhecer e valorizar. A classificação do seu núcleo histórico como Imóvel de Interesse Público (Decreto n.º 2/96 de 6 de março de 1996) veio reconhecer publicamente o seu valor patrimonial e histórico.

O barrocal com antigas quintas e fazendas envolvidas por hortas, laranjais, campos de alfarrobeiras, amendoeiras e figueiras, já assim descrito pelos geógrafos árabes, testemunha uma paisagem cultural sucessivamente modelada pelo homem, pelo menos desde o período romano, com a introdução de tecnologia hidráulica (barragens e elementos de elevação de água) para a irrigação das suas férteis *villae*, posteriormente desenvolvida e difundida no período islâmico.

Santa Rita marca a fronteira entre as terras do barrocal e a serra. É uma povoação antiga, conhecida pela produção de cal, tradições oleiras e pelas «curas

de Santa Rita», com as casas em torno de ermida setecentista dedicada à Santa das «causas impossíveis». Em torno da aldeia, conhecem-se importantes testemunhos megalíticos. Devem-se ao arqueólogo Estácio da Veiga, nos finais do século XIX, as primeiras notícias sobre o património megalítico de Cacela, com a publicação dos achados provenientes dos túmulos de Nora e Marcela, classificados como Monumentos Nacionais, mas hoje, infelizmente, desaparecidos. O túmulo pré-histórico de Santa Rita, recentemente identificado, representa um dos últimos testemunhos megalíticos melhor conservados da região.

A norte, nos montes e alcarias da serra, o casario e dependências associadas (eiras, palheiros, fornos de pão, poços, muros...) testemunham uma arquitetura rural marcada pelo relevo, clima, tradições culturais e matérias-primas oferecidas pelo meio.

Fontes históricas publicadas e comentadas pelo historiador Hugo Cavaco; a carta do património de Cacela realizada nos inícios de 2000 pelos arqueólogos Cristina Garcia e David Calado; levantamentos de arquitetura vernácula desenvolvidos pelo Gabinete Técnico de Apoio às Aldeias do Sotavento; bem como outros estudos publicados sobre história e património local, foram fundamentais para a caracterização e conhecimento do território de Cacela e Vila Real de Santo António e para a identificação e definição, pela equipa do CIIPC, de áreas temáticas estratégicas com vista ao seu estudo e valorização.

3. IDENTIFICAR E INVESTIGAR

A arqueologia começou por ser a matriz do trabalho no CIIPC. Foram as coleções de materiais arqueológicos de Cacela Velha, resultado de escavações entre os finais da década de 90 do e inícios de 2000 que começaram por justificar, entre 2002 e 2004, a reabilitação da antiga escola primária de Santa Rita para Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela, no âmbito do Programa de Revitalização das Aldeias do Algarve. A investigação arqueológica orientada para a Cacela medieval e, mais tarde, para a pré-história em Santa Rita, na sequência da identificação e escavação de um túmulo megalítico, continuam a ser estruturantes do seu trabalho.

3.1. CACELA MEDIEVAL

Escavações arqueológicas realizadas entre 1998 e 2001 no sítio do Poço Antigo, a nascente da atual povoação, fora de muralhas, puseram a descoberto, sob uma necrópole cristã, vestígios de um bairro residencial islâmico do período almóada (1.ª metade do século XIII). Foram identificadas estruturas habitacionais com um pátio central pavimentado com grandes lajes de pedra, rodeado de compartimentos (cozinha, alcova e latrina), ao longo de um arruamento com sistema de canalização pública.

Em 2007, o CIIPC promoveu a escavação arqueológica no Largo da Fortaleza de Cacela Velha, também sob orientação científica da arqueóloga Cristina Tété Garcia, que levou à descoberta da alcáçova de Qast'alla Darraj islâmica. As escavações puseram a descoberto vários compartimentos amplos com bons acabamentos interiores que integravam provavelmente a casa do cadí do iqlim de Qastalla Darraj. No exterior destas construções, foram identificados nove silos, dois deles de grandes dimensões. Este conjunto foi arrasado e entulhado durante a conquista cristã, tendo-se recolhido uma grande quantidade de fragmentos cerâmicos, correspondentes a loiça de uso doméstico, destacando-se as tigelas, caçoilas, jarrihas, potes, cântaros e candis, enquadráveis nos finais do século XIII. Foram ainda descobertos troços da muralha que circundava a área da cidadela.

Em 2018 reuniram-se condições para que as escavações arqueológicas regressassem a Cacela Velha, retomando trabalhos de 1998, 2001 e 2007. As escavações tiveram lugar no Sítio do Poço Antigo, na área onde se situam o antigo bairro medieval islâmico de Qastalla Darraj, a possível ligação ao porto e a necrópole cristã. A campanha, com a duração de quatro anos, integrou o projeto de investigação «Muçulmanos e Cristãos em Cacela Medieval: território e identidades em mudança» e visou não só consolidar a informação histórico-arqueológica já adquirida, mas principalmente, obter novos dados que permitiram alargar e detalhar o conhecimento sobre o território onde a povoação de Cacela se estabeleceu, bem como sobre as comunidades humanas que o habitaram ao longo da Idade Média (séculos X-XV). Assumiram a responsabilidade científica pelo projeto as arqueólogas Cristina Tété Garcia (Direção Regional de Cultura do Algarve), Maria João Valente (Universidade do Algarve) e o antropólogo físico Hugo Cardoso (Simon Fraser University do Canadá).



FIGURA 2 Escavações arqueológicas em Cacela Velha [CIIPC/CMVRSa].

As escavações arqueológicas [fig. 2] deram novo impulso ao conhecimento de Cacela Medieval no período islâmico e cristão. Os vestígios arqueológicos e o estudo contínuo das coleções, especialmente o das cerâmicas que é desenvolvido no CIIPC, têm permitido uma aproximação ao quotidiano dos seus habitantes e à sua história enquanto lugar estratégico nas grandes rotas culturais e comerciais do Mediterrâneo Antigo. Em paralelo, o CIIPC tem feito um esforço na divulgação científica destes achados junto de diversos públicos, desde o escolar, levando crianças a visitar as escavações arqueológicas, ao público em geral, através de percursos interpretativos e conferências temáticas no Centro de Informação da Casa do Pároco. Destaque para: «*A população de Cacela na época medieval após a conquista do Reino do Algarve*» por Cristina Garcia, em 2016; «*O urbanismo islâmico e sua transformação após a conquista cristã*» por Pedro Jiménez Castillo, em 2018; «*Práticas funerárias no período medieval. O que nos contam hoje os vestígios arqueológicos?*» por Cristina Garcia e Hugo Cardoso, em 2019.

3.2. PRÉ-HISTÓRIA E MEGALITISMO EM SANTA RITA

As primeiras referências ao Património Megalítico da região de Cacela foram dadas a conhecer nos finais do século XIX pelo investigador algarvio Estácio da Veiga, ao publicar na sua obra mais emblemática «*Antiguedades Monumentaes do Algarve*», as suas investigações nos túmulos megalíticos de Nora e Marcela. Apesar de classificados desde 1910 como Monumentos Nacionais, encontram-se hoje infelizmente destruídos.

Em 2001, durante trabalhos de prospeção e inventariação do património histórico e arqueológico, foi identificado um novo túmulo nas proximidades da aldeia de Santa Rita, cujas evidências superficiais, indicavam a existência de um monumento bem conservado, similar aos escavados por Estácio da Veiga.

Escavações arqueológicas, promovidas pela Câmara Municipal de Vila Real de Santo António com a Universidade de Huelva, em 2007 e 2008, orientadas pelo arqueólogo Nuno Inácio, permitiram a caracterização da estrutura arquitetónica e uma primeira aproximação à cronologia, caracterização da paisagem, estudo da estrutura social e ao ritual funerário usado pelas comunidades que construíram e utilizaram este túmulo pré-histórico há cerca de 4500 anos. Trata-se do melhor preservado dos que se conhecem na zona de Cacela, um monumento singular, constituído por câmara funerária (onde se identificaram os restos ósseos dos antepassados e as oferendas votivas que os acompanhavam na última «viagem») a que se acedia por um longo corredor. Sobre a colina artificial que cobria a câmara foi identificada uma necrópole, cerca de mil anos mais recente que as primeiras deposições no túmulo, testemunhando uma continuidade na sua utilização e sacralização.

O Túmulo Megalítico de Santa Rita (fig. 3) é uma construção de elevado valor histórico, patrimonial e científico, com características únicas no Sul de Portugal, pela sua antiguidade, estado de conservação da estrutura arquitetónica e infor-

mação arqueológica associada, bem como pela riqueza e diversidade dos achados. Conscientes de que, enquanto herdeiros deste património, nos cabe continuar a fazer «falar as pedras» e dar-lhes sentidos para as pessoas de hoje, o CIIPC tem, desde 2006 (data da primeira ação de limpeza do monumento, prévia aos trabalhos arqueológicos), assumido um papel determinante no conhecimento, salvaguarda e interpretação deste valioso monumento: participou nas campanhas de escavações arqueológicas, no tratamento e acondicionamento dos artefactos e ossadas exumados, tem-se esforçado para garantir a sua preservação (pese embora as



FIGURA 3 Visita ao Túmulo Megalítico de Santa Rita (CIIPC/CMVRSÁ).

condicionantes financeiras), editou um folheto informativo, promoveu visitas interpretativas ao sítio com públicos diversos e realiza ações educativas regulares no sentido de dar a conhecer aos mais novos o seu significado, no contexto da vida das comunidades pré-históricas que o construíram. Neste momento, acompanha com expectativa a realização de estudos pela Universidade de Huelva que darão origem a uma monografia de divulgação científica sobre o sítio.

Está, entretanto, em curso, desde 2020, o processo de classificação do túmulo, o que para além de reconhecer publicamente o seu valor, criará condições para a sua proteção e conservação, bem como para a valorização patrimonial e paisagística do conjunto, que garantam para além da sua preservação, também o seu usufruto por parte da população local e visitantes.

3.3. PATRIMÓNIO RURAL VERNÁCULO E PATRIMÓNIO IMATERIAL

O Património rural vernáculo da freguesia de Vila Nova de Cacela tem-se assumido como um dos eixos de investigação do CIIPC. Arquitetura popular com destaque para as chaminés e platibandas, elementos identificadores da arquitetura no Algarve, fornos de cal, património hidráulico (fontes, poços, noras, tanques, aquedutos, cisternas, ...), eiras para debulha de cereais, moinhos de água e fornos de pão têm sido alguns dos elementos patrimoniais sobre os quais nos temos debruçado.

A identificação e a salvaguarda do Património Cultural Imaterial do concelho têm sido outra prioridade. Aquilo que podemos reconhecer como património imaterial de Vila Real de Santo António são, de forma mais evidente, as memórias e saberes-fazer ligados à pesca e indústria conserveira, ao trabalho da terra e pastoreio no interior, as religiosidades e práticas simbólicas como os banhos santos de final de Agosto na Manta Rota, as festas de Nossa Senhora das Dores em Monte Gordo, ou as Curas em Santa Rita, também as artes de entrançar a cana, a palma ou a tabua e as lendas de mouras, tesouros e encantamentos, ...

O património oral (lendas de mouras encantadas e tesouros, contos populares, provérbios, adivinhas, pragas); as festividades cíclicas ao longo do ano (Maio, Dia da Espiga, São João, Banhos de São João da Degola, Dia de Todos os Santos e dos Finados, Presépio Algarvio); os usos antigos da flora algarvia com destaque para as artes da cura; o património lúdico; atividades transformadoras (produção

da cal e produção oleira em Santa Rita; empreita e usos da palma; cestaria em cana); tradições de pesca e mariscagem na Ria Formosa; e as atividades profissionais antigas, têm sido algumas das manifestações do nosso património cultural imaterial a que o CIIPC se vem dedicando nas áreas da identificação, estudo e salvaguarda. Algum deste trabalho tem sido valorizado através de exposições, artigos científicos, ações educativas e encontra-se plasmado no site ALGARVE IMATERIAL do Grupo RMA-PCI da Rede de Museus do Algarve, a que o CIIPC pertence.

Destaque ainda para o estudo de saberes-fazeres tradicionais e sua sustentabilidade, especialmente na área dos entrelaçados com matérias vegetais (empreita em palma, cestaria e outros usos da cana), que vem sendo uma das linhas de trabalho do CIIPC. Uma cultura material profundamente ligada ao território, ao aproveitamento e transformação dos recursos naturais e ao conhecimento dos ciclos que regulam os tempos para serem colhidos, conservados e trabalhados. Objetos (alcofas, balaios, capachos, cestos, canastras, ...) antes ligados às necessidades, saberes e técnicas partilhadas pela coletividade, orientam-se hoje para o futuro na procura de outros usos, indo ao encontro de novos desejos e explorando dimensões estéticas, de inovação e criatividade.

Numa lógica de trabalho em rede, a equipa do CIIPC acompanhou a 2.ª fase do Projeto «Técnicas Ancestrais, Soluções Atuais» (TASA), tendo participado em diversos momentos (encontro dos parceiros, contatos com artesãos, recolha de histórias de vida) e colaborado na área da investigação com a produção de três artigos: «*Cultura Material no Algarve. A cristalização do objeto artesanal*»; «*Empreita e cestaria. Entrançados de palma, verga e cana no Algarve*»; e «*Usos da cana. Para lá do útil. Objetos do festivo, do lúdico e do lazer*», que integraram em 2012 o catálogo do projeto editado pela CCDR Algarve.

4. INFORMAR, INTERPRETAR E USUFRUIR

Na nossa área de intervenção encontramos um património muito rico e diverso, ainda em bom estado de conservação e vivo, no caso das manifestações imateriais. Um património que urge ser registado, estudado e dado a conhecer, porque como se costuma dizer: «Só se preserva aquilo que se ama e só se ama aquilo que

se conhece.» Só assim, através de um trabalho sério na área da investigação e divulgação, podemos pensar e construir planos de salvaguarda para o património. Daí que a par da investigação, o CIIPC tenha apostado na comunicação em torno destes valores patrimoniais tornando-os acessíveis a diversos públicos, através de visitas orientadas, exposições, percursos temáticos, oficinas, edições.

Conscientes que o património precisa de ser descodificado, comunicar através de um testemunho patrimonial implica dar-lhe sentidos e significados, que não se devem fechar sobre si mesmos, mas dialogar com o leitor abrindo-se a múltiplas leituras. Tem sido por isso essencial procurar novas estratégias de comunicação e interpretação dos valores patrimoniais e inovar e diversificar nas linguagens (verbal, não verbal, iconográfica, cénica, ...) envolvendo o público, também ele diverso e com novas necessidades e vontades.

O conhecimento profundo do território, sua história, seus valores culturais e naturais estão necessariamente na base dos projetos e ações que desenvolvemos e uma boa parte das experiências de interpretação do património que oferecemos ao público situa-se num território de cruzamento e expansão dentro de um novo paradigma «*edutainment*» (em português, entretenimento educacional), propiciando formas de entretenimento desenhadas tanto para educar como para divertir. A intenção é criar espaços de educação não formal, cada vez mais frequentes no contexto da oferta de museus e centros de interpretação.

No mundo rural, mudanças sociais recentes e transformações na paisagem (consequência da diminuição da atividade agrícola, desertificação dos campos, decréscimo demográfico e envelhecimento das populações) abriram espaço à procura de novos usos para as paisagens culturais com vista à sua preservação e valorização. Têm surgido neste contexto novas estratégias de comunicação e interpretação dos valores patrimoniais, envolvendo comunidade local e visitantes na sua descodificação: sinalização e interpretação de trilhos, centros de interpretação de sítios patrimoniais, percursos temáticos, entre outras.

Numa altura em que se reconhece a importância do património e das paisagens culturais na diferenciação e no desenvolvimento dos territórios, a interpretação, enquanto processo de comunicação que envolve o público na revelação de significados e inter-relações do património natural e cultural através da sua participação em experiências com objetos, paisagens ou sítios, é uma ferramenta

fundamental na vinculação entre património e sociedade, especialmente quando às comunidades e cidadãos se exige responsabilização e participação ativa nas políticas de salvaguarda e valorização patrimonial.

A interpretação do património é uma ferramenta recente, no entanto, interpretar, enquanto ato de produção de significados, é inerente à condição humana. Os discursos sobre os sítios antigos produzidos pelas populações permitem compreender como se confere memória aos lugares, se constroem representações do passado e se define a identidade. A incorporação destes discursos e práticas permite divulgar e dinamizar o património regional, apresentando-o a públicos diversos e estimulando novos usos pedagógicos, recreativos e turísticos. Permite ainda, tratar o património de forma a que este não se isole das comunidades que o apreendem e nele reconfiguram a memória. A autenticidade dos testemunhos passados reside na experiência de um todo integrado na paisagem e seu contexto histórico atual e não apenas na conservação e preservação dos elementos físicos originais, contrariando desta forma o divórcio a que por vezes assistimos, nos projetos de valorização patrimonial, assentes apenas na produção do conhecimento científico sem incorporação das leituras da população local.

Uma proposta inovadora do CIIPC, ligada à interpretação do património onde se procura dar resposta a estas ideias e premissas, foram os «Passos Contados» – percursos pedestres temáticos de interpretação da paisagem (fig. 4), um dos nossos projetos mais participados pelo público, já com 14 edições. A ideia surge de uma necessidade de inovar nas formas de comunicação, interpretação e valorização dos valores patrimoniais e da paisagem. Tornar o património inteligível, questionar, tecer ligações, abri-lo a diferentes leituras, estabelecer uma mediação entre os vestígios materiais e a curiosidade e expectativas no presente, são desafios que se colocam hoje à interpretação do património.

Realizam-se anualmente, de Março/Abril a Outubro, ao ritmo de um por mês, e são, no fundo, uma experiência participada de descodificação das paisagens e dos seus elementos patrimoniais (património hidráulico, testemunhos megalíticos, vestígios arqueológicos, romanos e islâmicos, arquitetura tradicional, património geológico, fauna e flora, ...). Uma interpretação que se faz em movimento, ao longo dos caminhos, mediada por arqueólogos, historiadores, geólogos, astrónomos, zoológicos, botânicos, mas também artesãos, ervanários, agricultores, pastores,



FIGURA 4 «Passos Contados» – percursos pedestres temáticos de interpretação da paisagem (CIIPC/CMVRSa).

pescadores e mariscadores. Ao longo dos anos, muitos dos percursos têm sido orientados por elementos da população local partilhando com os participantes conhecimentos ligados a tradições de pesca e mariscagem na Ria Formosa; à cal na arquitetura vernácula; à biodiversidade nas hortas; às tradições ligadas ao pastoreio; às matérias vegetais e seus usos; ao olival, azeitona e azeite; ou à olaria. Pela riqueza e diversidade de experiências que proporcionam, interrogações e diálogo entre participantes e guias, pela descodificação activa do património e contato direto com testemunhos materiais e imateriais, são uma forma diferente e estimulante de interpretação patrimonial, como revela o número crescente de participantes.

Ao longo de mais de uma década foi sendo possível uma leitura muito interessante das nossas paisagens culturais, resultado dos vários olhares que sobre ela se debruçaram e múltiplas vivências que reavivámos. E foram muitos e variados os temas tratados: embarcações, artes de pesca e mariscagem na Ria Formosa; fauna e flora; árvores centenárias; fósseis de Cacela; dietas alimentares a partir do registo arqueológico; túmulos megalíticos de Cacela; vestígios da

presença romana; rituais funerários no período romano e medieval; heranças islâmicas nas formas de construir e habitar; arquitetura popular na serra e no barrocal; a cal na arquitetura vernácula; antigos caminhos, muros e valados; património hidráulico; a chaminé e a platibanda; hortas, sementes e sazonalidade; o figo, a amêndoa e a alfarroba no Barrocal; tradições alimentares no Algarve rural; plantas medicinais e aromáticas; saberes-fazeres da Serra Algarvia; lendas de mouras encantadas e tesouros; memórias do contrabando; pesca e indústria conserveira em Vila Real de Santo António; entre outros.

Nesta área da informação, interpretação e usufruto do património, realçamos a conceção e acolhimento de exposições temáticas, patentes na sala de exposições do CIIPC, que têm procurado dar a conhecer a diversidade dos patrimónios da região: lendas de mouras encantadas; cerâmicas islâmicas de Cacela; patrimónios hidráulicos; fósseis da ribeira de Cacela; usos medicinais das plantas; pomar tradicional de sequeiro; arquitetura popular Algarvia; olaria em Santa Rita; bonecas de trapo; e profissões antigas de Cacela. Muitas têm sido pensadas e produzidas pelo CIIPC, outras resultam de convites a artistas da região, com trabalho fortemente ligado ao nosso património (Filipe da Palma, Agostinho Gomes, Sara Navarro, Teresa Patrício, Joana Rocha, entre outros), ou da parceria com associações como a In Loco, Terras Dentro, ¼ Escuro, Algarve Film Comission, entre outras.

Nas exposições, temos procurado envolver a população local na fase de recolha de informação e de investigação, mas também na conceção do discurso museográfico, selecionando objetos, e nas fases de valorização, participando em conversas ou oficinas que integram a componente educativa e de comunicação com os públicos. Casos das exposições «*Olaria em Santa Rita. Objetos, usos e memórias*» (2016) que reuniu peças produzidas nas olarias de Santa Rita (cedidas pelos habitantes), seus usos, tipo de fabrico e memórias (fig. 5); «*A Arte das Alegrias. Exposição de bonecas de trapo*» (2016) onde se reuniram mais de uma centena de bonecas criadas pelas muitas pessoas que aceitaram o desafio (fig. 5); ou a mais recente «*Profissões antigas de Cacela*» (2018) que regista histórias de vida, memórias e objetos de uma dezena de profissões: agricultor, barbeiro, mestre caleiro, cesteiro, costureira, empalhador de cadeiras, merceira, pastor, mariscador, pescador e calafate. Profissões que revelam uma profunda ligação ao território. Homens e mulheres que detêm memórias e antigos saberes-fazeres que



FIGURA 5 Exposições: «Olaria em Santa Rita. Objetos, usos e memórias» e a «A Arte das Alegrias. Exposição de bonecas de trapo» (CIIPC/CMVRSa).

conjugam um conhecimento profundo do meio natural, matérias e recursos disponíveis, dos ciclos astrais (influenciando sementeiras, colheitas, idas ao mar) com as necessidades dos seus habitantes.

O CIIPC promoveu ainda a edição de livros, folhetos, brochuras. Destacamos a edição da carta do património de Cacela em livro – *Cacela Terra de Levante. Memórias da Paisagem Algarvia* de Cristina Tété Garcia –, colaborou na edição de um livro sobre Cacela Velha e o seu poeta *Ibn Darraj al-Qastalli*, da autoria de Ahmed Tahiri, editou uma brochura e folhetos sobre o património de Cacela, uma coleção de postais, um jornalinho de apoio à exposição «Cerâmicas islâmicas de Cacela». Deu início a uma coleção Patrimónios de que saíram quatro números, um com lendas de Mourinhos e Mouras encantadas, outro sobre antigas tradições em Cacela e dois sobre história local de Vila Real de Santo António e Monte Gordo. Colaborou ainda na edição da VRSA – Revista de património cultura e ambiente de que saíram dois números.

Para um público mais especializado promovemos encontros científicos, conferências e conversas temáticas. Em 2007 Cacela Velha foi palco do encontro «Herança mediterrânica. Continuidades e mudanças no sul de Portugal» que refletiu sobre a herança mediterrânica na nossa história e legado cultural com intervenções de Cláudio Torres, Carlos Fabião, Fernando Varanda e António Rosa Mendes. Em 2008 teve lugar em Vila Real de Santo António e Cacela Velha, numa coorganização

da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António e Fundação Al-Idrisi Hispano Marroquí, o *Congresso Internacional «Itinerários e reinos. Uma descoberta do mundo. O Gharb al-Andalus na obra do geógrafo Al-Idrisi»* que se propôs realizar uma análise da obra do grande geógrafo árabe do século XII Al-Idrisi, e refletir sobre a importância do seu trabalho para o desenvolvimento posterior de algumas ciências na época moderna: Geografia, Botânica e Cartografia, esta última fundamental no arranque das viagens europeias dos finais da Idade Média. Entre 2008 e 2011 tiveram ainda lugar em Cacela Velha as «*Palavras sobre a Ria*», ciclo de conversas temáticas ao ar livre, ao final da tarde, com a paisagem da ria como cenário, mas também como pretexto para temáticas ligadas ao património natural e cultural da região (camaleões, cavalos marinhos, cabanas de pescadores, peixes encantados, sereias e pescadores no conto popular português, tradições orais, vestígios islâmicos no nosso património linguístico, piratas e mercadores...).

Temos também procurado divulgar resultados de linhas de investigação e projetos através da participação em jornadas, encontros, congressos nacionais e internacionais com apresentação de posters e comunicações e respetiva publicação em atas (fizemo-lo com o túmulo megalítico de Santa Rita, o sítio arqueológico do Poço Antigo em Cacela Velha e suas coleções, as tradições cerâmicas em Cacela, projetos educativos diversos, entre outros). No blog do CIIPC (<https://ciipcacela.wordpress.com/>) procura-se sistematizar informações sobre o nosso trabalho, sobre o território e dar a conhecer textos importantes sobre o património e história local e regional.

5. EDUCAR PARA O PATRIMÓNIO

De forma complementar à investigação, interpretação e valorização do património, o trabalho de educação patrimonial tem-se afirmado como um eixo de intervenção estruturante. Nesta área temos dinamizado, em estreita articulação com a comunidade educativa do concelho, projetos temáticos sobre o património, oficinas de tempos livres e concebido materiais educativos (livros, jogos) sobre património e história local (fig. 6).

O património que identifica a nossa área de intervenção (formas de povoamento, monumentos históricos, arquitetura vernácula, património hidráulico,



FIGURA 6. Atividades de Educação para o Património (CIIPC/CMVRS).

testemunhos arqueológicos de diversos períodos, usos antigos dos recursos naturais, saberes-fazeres, tradições festivas e religiosas, património oral, ...), tem sido o ponto de partida para os projetos educativos regulares que o CIIPC dinamiza desde 2006 com escolas do concelho (especialmente do 1.º ciclo), como «*Mouras Encantadas e Encantamentos no Algarve*» (2006/2007) a partir de lendas recolhidas por Ataíde Oliveira e de outro corpus recentemente recolhido em Cacela; «*Patrimónios da nossa Água*» (2007/2008) sobre o património hidráulico – minas, canhas, poços, noras, aquedutos, tanques, cisternas e represas – que marca e identifica o território algarvio; «*Velhos saberes, novos fazeres. Atividades*

profissionais no litoral, barrocal e serra Algarvia» (2008/2009) envolvendo testemunhos materiais e imateriais (memórias, saberes, competências técnicas) relacionados com o trabalho; «*Para que servem as plantas? Usos antigos da flora algarvia*» (2009/2011) explorando os seus usos na alimentação, medicina popular, artesanato, construção tradicional; «*O que comiam os nossos avós? Alimentação no Sotavento Algarvio*» (2011 e 2012), dando a conhecer antigas tradições alimentares, na sua ligação ao território, ciclo agrícola e calendário festivo; «*As casas dos nossos avós. A arquitetura popular Algarvia*» (2013 e 2015) estimulando para a descoberta e compreensão da arquitetura vernácula da região, materiais, técnicas de construção e relação com o território; e o último «*Festividades Cíclicas. Descobrimo as festas ao longo do ano*» (2016 e 2018) explorando a forma como as festas acompanham os ciclos astrais – organizando-se em função e equinócios e solstícios –, o ciclo vegetativo e o calendário agrícola.

Nestes projetos, verifica-se um envolvimento de toda a comunidade e uma estreita ligação e partilha de saberes entre os mais velhos, detentores de antigos saberes, e os mais novos (crianças e jovens). A comunidade tem sido efetivamente convidada a envolver-se em grande parte destas dinâmicas. Em «*Velhos Saberes, Novos Fazeres*», crianças de todo o concelho pesquisaram sobre as antigas profissões, recebendo na escola pescadores, conserveiros, faroleiros, cesteiros, hortelãos e entrevistando em Santa Rita o barbeiro, a costureira, a merceira, o pastor e vários artesãos. No projeto educativo «*O que comiam os nossos avós?*» recolheram receitas antigas; contactaram em visitas de estudo com ciclos alimentares da região (o pão, o azeite, a sardinha, o atum e a sua conserva, o figo, o leite e o queijo...); em Vila Real de Santo António participaram no minicurso de cozinha dos avós para pais e filhos e, em Santa Rita, em oficinas orientadas pela população local (ensinando a fazer papas de milho com conquilhas, sopas de tomate, carapaus alimados, folares, pão, caracóis, ...).

A metodologia dos projetos passa pela motivação de alunos e professores com diaporama sobre o tema; conceção e entrega de materiais pedagógicos (guiões de entrevista e fichas de levantamento) com vista ao trabalho de pesquisa que as crianças fazem junto dos seus familiares e vizinhos; saídas campo; oficinas artísticas e temáticas. Ao longo do processo as crianças transformam-se em pequenos investigadores, perguntando e registando. Desta forma reforça-se nos

mais novos, a consciência de uma cultura material e de uma identidade que nos diferencia e distingue num mundo cada vez mais uniformizado.

Para além destes projetos desenvolvidos à escala do concelho, temos assumido também a coordenação das ações educativas integradas no projeto «À descoberta das 4 cidades», um projeto educativo com mais de 25 anos que parte da geminação das cidades do Fundão, Marinha Grande, Montemor-o-Novo e Vila Real de Santo António. Trabalhamos com duas turmas do 1.º ciclo de cada um dos 4 concelhos em ações temáticas com a duração de 3 anos letivos, com uma metodologia de trabalho idêntica que compreende fases de motivação; conceção e entrega de materiais pedagógicos – fichas, guiões; trabalho de pesquisa escola-comunidade; saídas de campo; oficinas temáticas; devolução de resultados à comunidade.

Começámos em 2005 com «*Patrimónios do nosso brincar*», uma aproximação ao património lúdico das infâncias e brincadeiras do tempo dos avós a partir de brinquedos populares e das memórias orais; «*Lugares e datas com estórias*» em torno do património construído, personagens e datas com história; «*Bicharada, ervas e companhia. À descoberta da fauna e flora das 4 cidades*» orientado para a descoberta dos valores naturais, paisagísticos e culturais, procurando compreender as relações antigas que o homem vem estabelecendo com a natureza; «*De boca a orelha. Contos, lendas, provérbios, adivinhas, lengalengas... À descoberta do património oral das 4 cidades*»; «*Às voltas com a água. À descoberta dos patrimónios da água nas 4 cidades*». O território de cada um dos 4 concelhos, seus usos antigos e aqueles que o habitam têm sido pontos de partida para o desenvolvimento destas dinâmicas de aprendizagem e fruição criativa a partir do património, com as escolas e comunidade educativa.

A jusante e a montante do desenvolvimento destes projetos e ações educativas temáticas com as escolas, tem sido possível uma identificação e recolha intensa de património local, material e imaterial, primeiro pela equipa do CIIPC, nas fases de fundamentação e depois, durante o processo, pelas próprias crianças e famílias.

Quer os projetos desenvolvidos em Vila Real de Santo António, quer os que envolvem as 4 cidades têm estado na origem da conceção e publicação de materiais educativos (jogos e livros) com que se pretende devolver à comunidade os resultados das aprendizagens e pesquisas associadas (fig. 7). Vejam-se por



FIGURA 7 Materiais educativos [CIIPC/CMVRSa].

exemplo: o livro «Patrimónios do nosso brincar – brinquedos e jogos das 4 cidades»; a coleção de 8 puzzles, com monumentos do Fundão, Marinha Grande, Montemor-o-Novo e Vila Real de Santo António; o Roteiro Patrimonial «Datas e lugares com estórias» composto por 8 mapas (um de concelho e um da cidade) e um CDROM interativo; o jogo da glória e o livro «Bicharada e Ervas das 4 Cidades»; o livro «O que comiam os nossos avós? A alimentação no sotavento algarvio»; o jogo de memória «Usos antigos da flora algarvia»; o jogo de memória «Personagens e Objeitos Mágicos dos Contos e Lendas»; ou o livro «De boca a orelha. 365 Tesouros do Património Oral das 4 Cidades». Estes materiais baseiam-se em recolhas feitas nas escolas, registam-nas, completam-nas e permitem, em momentos futuros, o renovar das aprendizagens de forma lúdica não só pelas crianças envolvidas, como junto de um público mais alargado.

No âmbito da Rede de Museus do Algarve e do seu grupo de Educação, o CIIPC tem participado, desde 2017, na conceção e dinamização ações educativas comuns que integram a oferta educativa de museus e entidades que pertencem à rede: Jogo do Moinho (2017/18); Lendas e Encantamentos Algarvios (2018/19); Meter água (2020/21 e 2021/2022). Crianças (e outros públicos) trabalham desta forma, à escala do Algarve, temáticas comuns, identificadoras do património cultural da região.

Mais recentemente temos enriquecido a oferta educativa concelhia com atividades em áreas tão diversas como a arqueologia, pomar tradicional de sequeiro, cal e platibandas, plantas e seus usos, abrigos para insetos, brinquedo populares, água, adivinhas, entre outras.

Também nas pausas letivas, férias de Páscoa e Verão, temos dinamizado regularmente no CIIPC oficinas para crianças e jovens com o objetivo de propiciar aos mais novos experiências de usufruto e aprendizagem relacionadas com a nossa história e património, que estimulem a criatividade.

Para o público em geral, temos ainda uma oferta regular de oficinas criativas/artesanais, ao ritmo de uma por mês, orientadas por artistas da região ou por elementos da população local que partilham os seus saberes fazeres na área da cestaria; empreita; pão artesanal; cal e platibandas; figos cheios, estrelas de figo; ou talegos.

6. DEFINIR UMA PROGRAMAÇÃO CULTURAL DE QUALIDADE PARA CACELA

Outro desafio do CIIPC tem passado pela qualificação e diversificação da oferta cultural em Cacela Velha (ciclo de conversas, música clássica, teatro, cinema, literatura e poesia na rua, mercadinhos sazonais), que tem vindo a ser acompanhada pela necessária requalificação do património do núcleo histórico classificado, casos da Igreja Matriz e da Casa do Pároco, onde funciona desde 2015 um Centro de Informação, estrutura de acolhimento de visitantes, que disponibiliza informação sobre o património cultural e ambiental de Cacela e Vila Real de Santo António. Uma programação rica e diversa, com ligações ao património local, intensa ao longo de cerca de 10 anos, ainda que atualmente mais limitada por questões financeiras.

O ciclo «Clássica em Cacela» (fig. 8) em 2008 foi uma das primeiras propostas a avançar em Cacela Velha com concertos de música clássica com músicos consagrados em dois importantes sítios patrimoniais da vila: a igreja e cemitério antigo. Organizado pela Câmara Municipal de Vila Real de Santo António com programação e direção artística da flautista algarvia Teresa Matias, o ciclo pretende ser uma alternativa erudita e de qualidade dentro da oferta cultural de Verão no sotavento algarvio, apostando em jovens talentos e em repertórios menos familiares do grande público. A «Clássica em Cacela» tem-se vindo, por isso, a afirmar, com a adesão do público a crescer de edição para edição.

Desde 2008, o velho portão de ferro do antigo cemitério de Cacela Velha também se abre (entre finais de Agosto e inícios de Setembro) para dar entrada a quem, à noite, sob as estrelas quer ver cinema. O ciclo de cinema «Sob as estrelas em Cacela Velha» tem contado com a colaboração do Cineclube de Faro.



FIGURA 8 Atividades culturais: «Clássica em Cacela» e «Noites d'Encanto» [CIIPC/CMVRSa].

A «Poesia na Rua» teve como ponto de partida a herança poética de Ibn Darraj al-Qastalli, natural de Cacela, onde nasceu em 958, bem como de outros poetas que escreveram sobre Cacela Velha ou aí viveram (Abû al-'Abdarî, Sophia de Mello Breyner Andresen, Eugénio de Andrade, Teresa Rita Lopes, Adolfo C. Gago). «Poesia na rua» constituiu-se, entre 2010 e 2017, como um grande momento cultural em redor das palavras escritas ou ditas em voz alta, mas também de animação, de festa e de partilhas. Durante um ou dois dias de Setembro as ruas de Cacela Velha enchem-se literalmente de poesia: havia lonas com poemas nas paredes de casa e estendais com poemas pendurados com molas de roupa, dizia-se poesia popular no cemitério antigo ou falava-se sobre poesia no largo da fortaleza. À noite, os poetas presentes e banda filarmónica juntavam-se para recriar o ritual da Igreja ao ritmo de um poema, toque da banda e foguete.

As «Noites d'Encanto» (fig. 8), em Cacela Velha, sucederam-se a partir de 2013 às «Noites da Moura Encantada». Música, gastronomia, mercado, animação, conversas e exposições, remetendo para as heranças do al-Andalus, marcam presença nas ruas de Cacela, durante 3 a 4 dias em Julho. Numa vila histórica que foi, entre os séculos X e XIII, um porto costeiro e um núcleo urbano importante na região, com fortes ligações ao Mediterrânico, evocam-se tempos de tolerância e a convivialidade que distinguiram a história do antigo al-Andalus.

Mercadinhos na Primavera, Verão, Outono e Natal assinalam em Cacela Velha, desde 2009, o passar das estações com artesanato tradicional, novas criações, produtos locais, velharias, segunda-mão e animação de rua. Para além da animação no núcleo histórico de Cacela, têm sido objetivos estabelecer a ponte

entre as produções mais tradicionais e as novas propostas criativas de jovens artesãos. Sustentabilidade, criatividade e solidariedade são conceitos que orientam e motivam estes mercadinhos sazonais organizados em colaboração com a ADRIP – Associação de Defesa, Reabilitação, Investigação e Promoção do Património Natural e Cultural de Cacela.

7. DESENVOLVER PROJETOS COM A COMUNIDADE LOCAL

A par de um esforço cada vez maior para alargar e diversificar os públicos aproximando-os dos patrimónios da região, o envolvimento da comunidade local da aldeia de Santa Rita, onde está localizado o Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela, tem sido, há mais de uma década, um propósito central do trabalho desenvolvido. Uma intervenção enraizada na comunidade, com o seu envolvimento ativo, que tem promovido sentido de pertença e relações relevantes e duradouras.

A aldeia histórica de Santa Rita situa-se a cerca de 5 km a Norte de Cacela Velha, entre o barrocal e a serra, na transição entre uma zona de hortas e pomares, cujo desenho muito deve à herança de romanos e árabes, e a serra com as suas especificidades nas formas de construir, habitar e explorar o território. A povoação é referida já em fontes do século XVII, mas o povoamento do local é certamente mais antigo. Atualmente, guarda ainda memória da sua recente produção oleira e dos fornos de cal que laboraram até há bem pouco tempo. É conhecida também pelas «curas de Santa Rita», que traziam centenas de pessoas durante o mês de Maio. Na envolvente da aldeia destacam-se, a norte, os antigos fornos de cal, um deles recuperado e, a nascente, a antiga fonte/santuário de Santa Rita, onde conta a lenda que a imagem da Santa terá aparecido pela primeira vez. O túmulo pré-histórico de Santa Rita, a cerca de 1 km a nascente da aldeia, próximo da antiga barragem romana da Ribeira das Hortinhas, representa um dos últimos testemunhos megalíticos mais bem conservados da região, com cerca de 5 mil anos de história.

Como muitos outros núcleos rurais espalhados pelo país, é uma aldeia que tem vindo a perder população, contando com cerca de 25 famílias num total de

cerca de 80 habitantes (só o núcleo da aldeia). Na sua maior parte são pessoas ligadas ao território, que até há pouco tempo, viviam da agricultura, pastorícia, pequeno comércio, venda de lenha, artesanato. Hoje vivem sobretudo das reformas e a geração que está no ativo exerce atividades profissionais ligadas à hotelaria e comércio. Com uma população envelhecida, muitos continuam a manter horta ou árvores do pomar tradicional de sequeiro, colhendo ainda figos, alfarrobas e azeitonas, sobretudo para consumo familiar. Vivências que nos tem permitido estabelecer relações muito ricas ao nível da partilha de saberes-fazeres.

Desde há 16 anos que, na sua antiga escola primária, entretanto reabilitada, abriu portas o Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela, onde os habitantes locais e visitantes podem contar com um programa regular de exposições, percursos temáticos, oficinas artísticas e didáticas, entre outras atividades culturais. A verdade é que a abertura do CIIPC gerou uma série de novas dinâmicas no tecido social da aldeia. Não é raro que apareçam grupos de crianças a entrevistar antigos profissionais (o barbeiro, a costureira, o pastor, o agricultor, o antigo mestre caleiro) querendo conhecer os seus saberes-fazeres; grupos de passeantes em busca dos seus fornos de cal, das fontes, poços e noras, olhando as suas chaminés, em percursos sobre a arquitetura vernácula; equipas de filmagens registando o empalhamento de cadeiras, o amassar e cozer do pão, o pastoreio de cabras; ou famílias divertindo-se em peddypapers de descoberta do património em torno da aldeia.

No CIIPC não encaramos a população local apenas como destinatária das atividades, ou como informante nos levantamentos que fazemos ao nível do património imaterial, por exemplo. Procuramos sim envolvê-la, e garantir a sua participação ativa, nos processos de investigação, interpretação e valorização do património.

Nos últimos 5 anos destacamos uma intensificação da relação com os habitantes Santa Rita e Cacela. Através da edição regular do *Tomilho* (fig. 9), boletim com edição bimensal, divulgamos as nossas atividades, mas damos também voz à população publicando fotografias antigas, registando memórias, saberes-fazeres, tradições festivas, receitas e objetos. O *Tomilho* nasce no início de 2016, e exatamente de uma necessidade e vontade de fortalecer os laços com a população da aldeia de Santa Rita. Por um lado, pretende-se aproximar a comunidade do seu património e do trabalho que o CIIPC desenvolve, desconstruindo conceitos



FIGURA 9 Boletim *O Tomilho*.

e temáticas ligadas ao património em linguagem mais acessível, nomeadamente na rúbrica *Arqueologia e História* com artigos como: *Resultados da campanha arqueológica em Cacela Velha, As sortes de S. João, Culto dos mortos na Pré e Proto-História*, entre muitos outros. Por outro lado, convida-se a comunidade a partilhar as suas memórias e saberes a partir de objetos e fotografias antigas, que facilitam e estimulam o ato de recordar e a narração de memórias. Com este objetivo, o *Tomilho* tem uma rúbrica dedicada a um *Objeto com História* e uma outra rúbrica de *Memórias e Saberes* com artigos ligados a uma tradição, festividade, ofício, a partir de uma fotografia antiga. Em qualquer dos casos, o objeto (cadeira de tabúia; carro da água, balanças; bolsa de retalhos; mó manual; palangre; mala do barbeiro; etc) ou a fotografia (recordações da vida no campo; recordações do Carnaval; matança do porco; São João da Degola; entre outras) pertencem à pessoa que os recorda. Existe também um espaço onde as pessoas partilham receitas antigas como: doce de abóbora-menina; carapaus alimados; favas sapatadas; sopas de chicharo; amêndoas caramelizadas; lebre com feijão; ou azeitonas de sal. Em algumas edições o *Tomilho* publicou ainda poemas, reportagens e memórias redigidas por pessoas da comunidade e passatempos a partir de desenhos feitos por crianças. O *Tomilho* já criou hábitos de leitura regulares na aldeia, no concelho e também fora de fronteiras desde que partilhamos on-line, no nosso site, a sua versão PDF.

Todas estas memórias e saberes são partilhados com os leitores do *Tomilho*, enriquecendo a memória coletiva, o sentimento de pertença e reforçando

a identidade social da comunidade o que, em última instância, contribui para aumentar a autoestima e consolidar uma consciência coletiva, fundamentais para o seu efetivo envolvimento e participação.

Nos 3 últimos anos, no contexto de um reforço no desenvolvimento de projetos com a comunidade local (habitantes de aldeia de Santa Rita e do concelho), criou-se um espaço de encontro regular, no CIIPC, para dar corpo a projetos artísticos/artesanais que vão acompanhando as festividades cíclicas.

Partindo de uma festividade cíclica com forte expressão na região do Algarve, revive-se, desde 2017, a tradição dos Maios na aldeia de Santa Rita (fig. 10). No Algarve, em muitos lugares, é costume no primeiro dia de Maio, criarem-se os Maios ou Maias, enfeitá-los e colocá-los na rua. Trata-se de reminiscências de costumes arcaicos ligados ao fim do Inverno e ao eclodir da Primavera. Assinalavam a renovação da natureza e simbolizavam o poder fecundante da vegetação que desabrocha. Em Santa Rita – onde a tradição teve expressão pelo menos nas décadas de 80 e 90 do século XX – revive-se este importante momento do ciclo festivo em estreita colaboração com os habitantes da aldeia. Os Maios que saem à rua são elaborados pelas muitas pessoas, de todas as idades, que se envolvem na iniciativa: população local, mas também EB2,3 de Vila Nova de Cacela, utentes da Asmal, Casas do Avô de Monte Gordo e Vila Real de Santo António, crianças e famílias no âmbito de Oficinas organizadas no CIIPC.



FIGURA 10 Projetos com a comunidade local: os «Maios» (CIIPC/CMVRSa).

Este envolvimento concretiza-se em todo o processo, desde a escolha dos provérbios e quadras populares, recolha de roupas, sapatos e acessórios, bem como jornais para o enchimento, elaboração dos Maios e montagem no espaço público durante os dias de exposição na rua. Destaque para criação de uma grande manta de rosetas de crochet pela comunidade que adornou a Maia em 2019 (fig. 10).

Outras festividades cíclicas têm motivado o desenvolvimento de projetos conjuntos com a população local. Caso das tradições associadas aos Santos e Finados (1 e 2 de Novembro), em que as crianças iam, com bolsas de retalhos, de porta em porta pedir pelos santos, pelas almas ou pelos defuntos, dizendo expressões como: *Pão por Deus ou Bolinho, bolinho, pela alma do defuntinho*. Recebiam no saco: bolinhos, figos secos, amêndoas ou nozes. No CIIPC, com o intuito de manter vivas estas tradições associadas ao «Pão por Deus» e assinalar este importante período do ciclo festivo dedicado ao culto dos antepassados, desafiou-se a comunidade local para a criação de bolsas de retalhos. Os talegos criados pelas cerca de duas dezenas de pessoas que semanalmente se juntaram no CIIPC para os costurar, juntaram-se numa exposição de rua na aldeia no ano de 2019 e 2020. Distribuíram-se pelas portas da aldeia para assinalar as festividades associadas ao Dia de Todos os Santos e dos Finados.

Também desde há alguns anos que a população da aldeia se junta no CIIPC para montar o Presépio Algarvio. Revive-se assim a antiga tradição de, em Dezembro, se armar o presépio e o «altarinho» de cariz popular. Nas casas, em cima da cómoda, elevado ao centro em degraus, colocava-se o menino Jesus, cercado de searinhas, laranjas e outros frutos, votos de pão e de prosperidade para a família. As searinhas são semeadas por tradição no dia 8 de Dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição, na continuidade dos antigos cultos da fertilidade, numa altura em que nos campos se fazem as sementeiras. São oferecidas ao menino Jesus com o pedido de boas colheitas.

Todo este processo tem reforçado a identidade local, a autoestima, as relações de vizinhança, a convivialidade entre participantes. Tem servido também, para os mais velhos reviverem as suas memórias e para dar a conhecer as antigas tradições festivas aos mais novos.

8. PARCERIAS E TRABALHO EM REDE

O trabalho desenvolvido assenta numa ampla rede de parcerias e colaborações. Somos um Centro de Investigação e Informação orientado para o Património de Cacela, mas as heranças sobre as quais trabalhamos são, na sua grande parte, também comuns ao Algarve, às vivências entre o mar e a serra, ao histórico reencontro de culturas ancestrais, ao seu imaginário coletivo.

O trabalho em rede com a Rede de Museus do Algarve, que integramos desde 2008, tem sido um dos mais estimulantes e proveitosos, tendo o CIIPC integrado o Grupo Coordenador da rede em diversos momentos. A RMA – Rede de Museus do Algarve, criada em 2007, é uma estrutura informal de adesão voluntária constituída por museus integrados na Rede Portuguesa de Museus, outros museus municipais, entidades culturais e/ou museológicas públicas e privadas, cuja forma de organização privilegia a cooperação e a partilha entre os seus pares e cria escala nas atividades programadas em conjunto. Uma rede horizontal, com características flexíveis que tem como missão dinamizar o património cultural e a atividade museológica da região.

Ao longo dos anos o CIIPC tem participação ativa nos grupos de trabalho de Património Cultural Imaterial, Educação e Arqueologia. No seio dos grupos de trabalho, através da realização de estudos de diagnóstico e da partilha de experiências entre os técnicos dos museus, por áreas de trabalho, tem sido possível identificar necessidades, promover dinâmicas de interajuda, formação profissional e desenhar projetos conjuntos.

Desafiante tem sido também a participação ativa em projetos de investigação e museologia comuns à escala da região. Casos da exposição polinucleada «*Algarve – Do Reino à Região. Mil anos da história e cultura algarvia*» (2010-2011), uma iniciativa conjunta e pioneira da RMA, onde se abordam os últimos mil anos da história e da cultura algarvia, desde o Gharb al-Andalus à atualidade. Ou do projeto expositivo «*Pioneiros do conhecimento científico no Algarve*» (2011 e 2012) centrado em alguns dos primeiros protagonistas implicados no conhecimento da região (Estácio da Veiga, Ataíde Oliveira, José Formosinho, Estanco Louro, entre outros), bem como sobre as representações do Algarve nos discursos da etnografia, arqueologia e história local, nos séculos XIX e XX. Atualmente, os

museus da Rede voltaram-se a unir em torno de um projeto comum que incide sobre as profundas ligações do Algarve ao mar e que, entre 2019 e 2021, dá origem a exposições nos diversos espaços que integram a RMA. Relevante tem sido a participação do CIIPC nas Jornadas da RMA desde 2017 e no *Guia de Museus do Algarve* (versão em formato eletrónico de e-book), apresentado ao público em 2019, que reúne 19 estruturas museológicas, entre Museus, Centros Ciência Viva, Parques Naturais, Centros Interpretativos, Explicativos e Ambientais, e pretende assumir-se como um contributo para valorizar, divulgar e celebrar a diversidade cultural da região.

Estas dinâmicas de trabalho em rede, no contexto da RMA, têm permitido um maior diálogo, comunicação e partilha de informação entre os profissionais dos museus e contribuído para a formação e qualificação das equipas, para a capacidade de pensar e programar em rede à escala da região e para a qualificação da programação cultural e museológica na região.

Desenvolvemos também uma estreita colaboração com a Universidade de Algarve, que se tem consubstanciado no envolvimento de alguns dos seus professores em atividade do CIIPC: percursos de interpretação, conceção de exposições, ciclos de conversas e de conferências. Destaque para o protocolo assinado em 2018 entre o Município de Vila Real de Santo António, a Universidade do Algarve e a Direção Regional de Cultura do Algarve com vista à concretização do projeto de investigação «Muçulmanos e Cristãos em Cacela Medieval: território e identidades em mudança» que enquadra os trabalhos arqueológicos no Sítio do Poço Antigo em Cacela Velha.

Com a Fundação Hispano-Marroquina Al-Idrisi organizámos em estreita parceria um congresso internacional sobre o grande geógrafo Al-Idrisi e editámos uma obra sobre o poeta Ibn Darraj nascido em Cacela no século X, com informações valiosíssimas sobre a história de Cacela no período islâmico. Com a Universidade de Huelva temos uma parceria com vista ao estudo e valorização do túmulo megalítico de Santa Rita que enquadrou os trabalhos arqueológicos e subsequente estudo de materiais. Com a Ibérica, eventos e espetáculos, coorganizamos as Noites de Encanto em Cacela Velha. Também com a ADRIP temos colaborado em diversos projetos como os mercadinhos sazonais em Cacela Velha, o Mercado de Trocas (promovido pelo Banco de Voluntariado de Vila Real de Santo António),

as mostras gastronómicas ou o jardim de plantas autóctones na zona da Várzea. Destaque ainda para colaboração no projeto TASA – Técnicas Ancestrais, Soluções Atuais que juntou artesãos, designers, investigadores e entidades locais.

Ao nível educativo, destacamos o trabalho em estreita articulação com os agrupamentos de escolas do concelho e a colaboração ativa, no âmbito do projeto «À descoberta das 4 cidades», com os serviços municipais de educação e as escolas dos concelhos do Fundão, Marinha Grande e Montemor-o-Novo.

Existem ainda protocolos e colaborações assíduas com diversas entidades como a Associação de Saúde Mental do Algarve, Centro de Ciência Viva de Tavira ou Associação In Loco.

9. REFLEXÕES E DESAFIOS PARA O FUTURO

O território de Cacela, os seus usos antigos, os valores naturais, culturais e patrimoniais que o distinguem têm sido ponto de partida para dinâmicas de interpretação, aprendizagem, fruição e intervenção criativa em estreita ligação com a comunidade local e visitantes.

Acreditamos que conhecer e vivenciar o nosso património é fundamental para nos tornarmos conscientes do que nos identifica e diferencia – tradições, monumentos, arquitetura vernácula, paisagens culturais –, e valorizarmos o que é nosso, resistindo a culturas e modelos importados que empobrecem a nossa diversidade cultural.

Desde sempre o CIIPC entendeu que as suas «coleções» se estendem no território envolvente que lhes confere sentido, e que são elas o ponto partida para o trabalho na área da interpretação do património e mediação com os públicos. Assistimos hoje, porém, a uma destruição acelerada das nossas paisagens culturais, seja em meio urbano ou em meio rural. Ao longo dos séculos o homem foi agindo sobre a paisagem, modificando-a, utilizando os seus recursos e adaptando-a às suas necessidades, segundo os seus conhecimentos e experiência transmitida de geração em geração, mas sabendo sempre manter o seu equilíbrio ecológico, a sua integridade e sustentabilidade. Agora, em poucos anos, deparamo-nos com a desvalorização e conseqüente destruição das arquiteturas

vernáculos, nos núcleos povoados, e das paisagens rurais envolventes. Ou seja, estamos a perder e/ou a assistir à descaracterização das «nossas coleções».

Nos últimos trinta anos, o núcleo histórico de Cacela e a paisagem envolvente têm sido alvo de um processo que tem conduzido ao empobrecimento do seu caráter e imagem. Decréscimo da população residente afastada das tradicionais atividades ligadas à pesca, mariscagem e agricultura; desenvolvimento do turismo de massas; intervenções intrusivas em algumas habitações; e especialmente proliferação de estufas e grandes extensões de cultura intensiva de abacates na envolvente, ameaçam a singularidade desta vila e o seu equilíbrio social na relação com o território próximo. Em redor da aldeia de Santa Rita, passa-se o mesmo. Os campos com culturas de sequeiro, as pastagens para o gado, os serros de barro de que viviam os seus habitantes estão a dar lugar a grandes extensões de abacates.

Acreditamos que, nem Cacela Velha, por muito valioso que seja o seu património no núcleo histórico, nem a aldeia de Santa Rita, com as suas tradições ligadas à cal, à olaria, à religiosidade popular, conseguirão sobreviver como referentes patrimoniais, sem a preservação dos territórios envolventes que lhe dão sentido e que durante séculos, através da sábia utilização dos seus recursos, justificaram o seu povoamento e o modo de vida das suas populações.

Acreditamos que este processo de interpretação do património e das paisagens culturais, que identifica o trabalho do CIIPC há mais de 16 anos, deve ser também um processo de ativação da cidadania, uma ferramenta para questionarmos o presente e pensarmos o futuro e desta forma contribuirmos para a valorização e salvaguarda do património. Um dos desafios atuais é o de assumirmos o papel, que se defende hoje para os museus, de entidade viva, atenta, interveniente, questionante na relação com os públicos.

Importa sempre lembrar: porque fazemos o que fazemos? Porque acreditamos que o conhecimento dos usos antigos do território é fundamental para nos diferenciarmos positivamente no contexto de um mundo cada vez mais globalizado onde impera a lógica do crescimento infinito num mundo de recursos finitos. O que queremos transformar? Queremos que o património assuma o seu lugar na construção de identidades e seja ponto de partida para usos criativos e sustentáveis do território e seus valores culturais.

O trabalho na área da mediação cultural, da interpretação e educação para o património, tem-se afirmado no CIIPC como um eixo de intervenção imprescindível. Não apenas como forma de levar os públicos a «viajar para tempos idos», para saberem como e porquê se construiu este ou aquele monumento, o que se comia, como o homem se relacionava com o território e como moldou a paisagem. Mas essencialmente no sentido de nos questionarmos: Que lugares são estes que habitamos? Como chegámos ao que somos hoje? O que nos diferencia e aproxima dos outros? Em suma, envolver toda a comunidade, no reconhecimento mais profundo do que é o património, do que nos identifica, de quem somos e do que queremos vir a ser.

